

SIGNIFICAÇÕES DO GRAFITE ENQUANTO CAMPO SIMBÓLICO SEGUNDO A PERCEPÇÃO DOS AUTORES DAS PINTURAS NO TÚNEL HASAN MUSTAFÁ, NO MUNICÍPIO DE SAPUCAIA DO SUL

ARAUJO, R. A. ¹, CUSTÓDIA, G.P.², SANTOS, J. T.³

¹ Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSUL) – Sapucaia do Sul – RS – Brasil

² Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSUL) – Sapucaia dos Sul – RS - Brasil

³ Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSUL) – Sapucaia do Sul – RS – Brasil

RESUMO

O grafite aparece, no cenário contemporâneo, como uma linguagem. Porém, em cada cenário, sua exposição pode ganhar novas intenções comunicativas e funções territoriais. A presente pesquisa é do tipo descritiva e de cunho qualitativo visa identificar a percepção dos autores das pinturas expostas no túnel Hasan Mustafá sobre o grafite enquanto campo simbólico no município de Sapucaia do Sul. A partir de entrevistas semiestruturadas com os sujeitos (artistas), da interpretação dos diálogos e, por fim, da análise dos registros no diário de campo, estabelecem-se os significados das suas aplicações. Para fins de análise de dados, avaliamos se o grafite tomado como fenômeno é, segundo o discurso dos entrevistados, unificado ou fragmentado de acordo com as suas construções simbólicas nos diversos meios. Durante os diálogos e a posterior análise, pôde-se observar que os grafiteiros entrevistados diferenciam os processos de produção, tal como os significados dos trabalhos e a opinião sobre as qualificações necessárias para a realização destes, variando de grafiteiro para grafiteiro. Consolida-se, portanto, a presença da hierarquização dos sujeitos, definidas por tempo de participação no movimento, e conhecimentos sobre essa arte como cultura internacional. Nessa estrutura, os sujeitos tornam-se conhecidos pela comunidade e alguns têm suas identidades completamente associadas ao movimento. Além da experiência, eles valorizam questões como projetos de inserção do grafite no meio urbano, eventos que reúnem não só essa arte, mas outras vertentes do hip hop e, por fim, as divergências no campo do grafite quanto aos meios aplicados, principalmente quando é feito com fins comerciais.

Palavras-chave: Sapucaia do Sul/RS; Grafite; Espaço Urbano; Arte Urbana, Campo Simbólico.

1 INTRODUÇÃO

O grafite é a cultura que tanto caracteriza quanto é caracterizada pelo meio urbano. Tal prática desenvolve-se há pelo menos quarenta anos de maneira global (AUSTIN, 2001), algumas vezes considerada intervenção de uma cultura alheia num meio urbano, outras como parte de identidades culturais, e assim, em simultânea transformação. Esta pesquisa visa compreender a percepção dos autores das pinturas expostas no túnel Hasan Mustafá, sobre os processos de produção do grafite aplicado em diferentes espaços no município de Sapucaia do Sul.

Para compreender os diferentes processos de significações do grafite quanto as suas aplicações, tivemos que primeiramente entender a relevância do espaço e da cultura que desejávamos estudar: o grafite e o túnel Hasan Mustafá. Primeiramente nós tomamos o grafite como uma linguagem, e assim como qualquer outra linguagem, seu desenvolvimento e uso é regido pela cultura e hábitos de um grupo. A partir disso quisemos identificar se essa linguagem possuía divergências em seus usos, dependendo de quem a usa e do local onde é utilizada; foi o primeiro indicador de que deveríamos selecionar os sujeitos propícios a terem uma visão aprofundada sobre o

assunto. Em seguida, percebemos que o túnel, além de estar em uma das principais avenidas do município, é uma das poucas vias de travessia da linha do trem que divide município. O fato de ele ser atualmente grafitado em sua totalidade (inclusive uma grande área no seu exterior e ruas próximas), deixou claro que a prática do grafite recebeu grande visibilidade, bastava saber se havia realmente uma valorização e/ou valoração daquilo que nós considerávamos arte.

Para o entendimento das relações dentro do movimento Hip Hop e mais precisamente do grafite, apropriamos a pesquisa ao conceito de campo simbólico proposto pelo sociólogo Pierre Bourdieu. No que se refere aos conceitos de campo, o autor apresenta a tese de que, a partir da elaboração da pesquisa, designa-se um conceito de campo próprio (no caso, o Grafite no Município). Este passa a agir como o conceito de campo magnético na física, onde tudo a sua volta é atingido, esteja envolvido diretamente ou não no movimento. A partir dessa premissa, poderíamos estudar as funções e os atos de cada sujeito envolvido. Em vista disso, tanto o sujeito que contrata um grafiteiro ou aquele que aprecia a arte, é atingido tanto quanto o próprio artista, e assim, incluído no campo. Frente às entrevistas semiestruturadas realizadas com três dos grafiteiros participantes do projeto, estabeleceu-se a nossa principal hipótese: de que as percepções sobre os significados do grafite/processos de produção seriam determinados pelo fator da experiência de produção do grafite (o sistema simbólico) e o conseqüente acúmulo/obtenção de capital simbólico por meio da prática dessa arte - seja capital econômico ou o prestígio, reconhecimento e honra-. O acúmulo de capital simbólico implicaria também na apropriação da arte como uma profissão ou apenas como hobby.

Tomando o princípio de que todos os entrevistados começaram a se envolver com o grafite na mesma época e, teoricamente, teriam tido o mesmo espaço de tempo para se envolver com essa cultura, a tomada de decisão entre seguir o grafite com profissão ou como lazer poderiam implicar em diferentes visões acerca do sistema simbólico em questão e sobre as relações estabelecidas dentro do campo, restava a nós, delimitá-las.

2 METODOLOGIA (MATERIAIS E MÉTODOS)

Seguindo o plano metodológico, primeiramente nós entrevistamos os grafiteiros de maneira individual. A entrevista começava de maneira um pouco mais informal, e automaticamente ao apresentar o tema eles se mostram entusiasmados pois, segundo os entrevistados, o foco da entrevista é “diferente” do que eles normalmente são chamados para relatar. Geralmente eles são entrevistados sobre a questão do grafite x pichação e, dessa vez, abordamos sobre os significados e espaços do grafite do município.

Seguimos o plano de entrevista semiestruturada e coletamos o máximo de informações parcialmente ou totalmente desconhecidas por nós, juntamente com a coleta de palavras chaves que poderiam estar na lista de pautas e assuntos comuns e propícios a serem falados. Algumas pautas que estavam listadas e que foram citadas pelos entrevistados foram: grafite como expressão gráfica do hip hop e suas origens, grafite como expressão da juventude, agregação de significados à cidade por conta do grafite, permanência de uma intervenção artística, etc. Nas entrevistas individuais buscamos entender a percepção dos grafiteiros sobre suas pinturas feitas no túnel, compreender suas visões sobre a maneira como foram definidos os temas que seriam externados por meio do grafite na extensão da via, e também sobre o espaço que lhes foi dado para a pintura de temas de sua escolha.

Por último, foram feitas perguntas organizadas por pautas. Levando em consideração que temas como “comercialização do grafite” já tenham sido citados, estabelecem-se questões fixas sobre essa discussão. Os grafiteiros são questionados primeiramente sobre o espaço discutido (túnel), posteriormente, os mesmos são incentivados a comparar as representatividades exercidas no túnel a outros espaços grafitados no município a serem citados por eles. Ainda dentro dessas pautas, pretendeu-se captar um pouco mais da existência (ou não) das diferenças dos significados do grafite, algumas pautas são: o cunho original do movimento hip-hop e conseqüentemente do grafite em relação ao contexto atual, o espaço da cultura do grafite no município e suas funções como um grupo inserido em um mesmo contexto cultural.

As formas simbólicas existentes interpretadas pelo método são os espaços grafitados. Tal que os outros locais grafitados a serem descritos na pesquisa dependiam unicamente que fossem citados pelos artistas nas entrevistas, ou seja, mesmo que o grupo já tivesse conhecimento acerca de outros locais grafitados no município, os únicos a serem citados e que teriam seu processos de produção explorados seriam tirados dos discursos dos grafiteiros (assim como as reflexões e observações feitas por eles). Dentro das entrevistas poderiam vir a surgir questões como: modismos,

utilização do grafite em estabelecimentos comerciais (e a consequente contratação deles para a execução), seleção para grafiteagem de espaços públicos de acordo com projetos e administração do município, grafite como movimento cultural urbano, concessão de espaços, liberdade para a prática e muitas outras possíveis problemáticas.

Ao fim da fase de interação com os sujeitos, é dado início à análise de dados. São feitas novas análises pelo grupo acerca das questões e conceitos que vierem a aparecer nos debates com os grafiteiros, agora baseando-se nas teorias de construção de relações dentre sujeitos, campos e espaços de BOURDIEU(1989) e CERTEAU(1998), além de termos específicos do grafite e contextos semelhantes aos aqui tratados, com base em GONÇALVES(2007).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados evidenciou a presença de uma hierarquização dos sujeitos, não só entre o senso comum de “Grafite x Pichação”, mas também entre os próprios grafiteiros que se consideram mais experientes e/ou praticam o grafite como profissão. Eles estabelecem níveis diferentes entre si definidos por tempo de exercício no meio artístico, tal como conhecimentos sobre a prática internacional da arte. Estes se consideram, inclusive, mediadores e incentivadores do “pessoal que está começando” sendo que alguns desses são seus alunos ou indivíduos que estariam querendo “sair da pichação e ir para o grafite” - como foi dito por um dos entrevistados. Para isso, eles afirmam que, sempre que possível, concedem espaços para os iniciantes em eventos e projetos de incentivo ao movimento hip hop - ou apenas do grafite - mesmo que o indivíduo favorecido seja desconhecido pelos outros grafiteiros. Dependendo dele, a escolha do lugar de inscrição concedido depende de diferentes elementos, como a visibilidade que proporciona ou o perigo envolvido na situação. A visibilidade é, para eles, a maior importância pelo fato de o grafite ser uma linguagem visual e, por meio de seu reconhecimento, estabelece identidades.

É interessante observar os diferentes conceitos atribuídos à pichação e ao grafite. Mesmo que este não seja o foco da pesquisa (como os entrevistados tinham ciência e voltaram a afirmar), é notável a construção de suas identidades como grafiteiros profissionais enquanto tiveram fortes vínculos com a pichação no início de suas carreiras. Ainda assim, por serem experientes no que consideram arte, eles afirmam que aquilo o que faziam no início de suas carreiras seria “a verdadeira essência do grafite”, pois “faziam arte” sem que ninguém pedisse ou pagasse, onde achassem conveniente. Os sujeitos passam a estabelecer, portanto, um discurso ambíguo, no qual não se sabe se suas práticas eram consideradas realmente pichação ou se, devido a atual experiência, se entregam ao discurso nostálgico e profissional sobre o que seria a concepção pura do grafite.

Uma demonstração dos níveis hierárquicos dos sujeitos é o reconhecimento que estes recebem por parte dos membros da comunidade; reconhecimento esse, que nem sempre se traduz em prestígio, já que o grafiteiro assume muitas vezes o papel de writer e, como tal, assina seu nome repetidamente em vários locais do município, a comunidade responde como se os grafiteiros fossem, em parte, um incômodo. Por outro lado, os grafiteiros profissionais mais reconhecidos são chamados para realizar trabalhos comerciais, tanto em casas quanto em lojas e fachadas, para participar de projetos de fomento à arte na região ou para serviços de grafiteagem e revitalização de espaços públicos.

4 CONCLUSÃO

O grafite é a concepção visual das práticas do Hip Hop. Por ele são estabelecidos elos de afinidade entre sujeitos, posições ideológicas, conhecimento e funções comunicativas muitas vezes utilizadas por indivíduos que, por estarem dentro das dimensões envolvidas por essa cultura, são parte do campo, mas apenas impõem as definições do grafite conforme seus interesses.

As construções das relações dentro do grafite podem ser quase imperceptíveis por parte dos sujeitos que são alheios a esse campo. Já para os grafiteiros, e para aqueles que se dispõem a entender as relações desse campo, as práticas se mostram fruto de um conformismo lógico, pelo qual se estabelece a hierarquização. BOURDIEU afirma que a destruição desse poder de imposição simbólica caracterizada pelo desconhecimento, implicaria no fim da crença, a partir de uma “tomada de consciência crítica”. No entanto, o nosso papel de pesquisadoras se restringe ao estudo e entendimento, de modo que não tivemos em momento algum o intuito de modificar as relações entre os sujeitos e do campo.

As significações que compõem campo simbólico do grafite em Sapucaia do Sul e seus consequentes conformismos lógicos são, portanto, uma construção coletiva dos sujeitos afetados por

suas classes e os respectivos capitais simbólicos. Pela caracterização de construção coletiva regulamentada pelas práticas que a tornam real, o grafite é tanto a cultura que separa, quanto a que unifica.

5 REFERÊNCIAS

AUSTIN, Joe (2001), Taking the Train: How Graffiti Became an Urban Crisis in New York City, Nova Iorque, Columbia University Press

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989

CERTEAU, M. C. A invenção do cotidiano 1: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

GIL, Antônio C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989. p. 113-123.

GONÇALVES, Anderson Xavier Tibau. A Pedagogia do Spray: O que faz o grafiteiro, grafiteiro.(Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.